



1º SIMPÓSIO SOBRE COMUNICAÇÃO VISUAL URBANA

Estudos metodológicos: interfaces, abrangências e conteúdos da Comunicação Visual

Temática 3:

Ambiente Urbano

Título:

Aprendendo o urbano como um lugar informado: de Porto Alegre à Canoas, ou vice-versa

Autores

Kowarick , Adriana Coelho Borges

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

adricbk@terra.com.br

Quadros, Marta Campos de

Universidade de Passo Fundo UPF

mquadros@upf.br

Endereço:

Rua Desembargador Hugo Candal, 74 Bairro Três Figueiras

Porto Alegre RGS CEP 91330-030

Resumo:

Os deslocamentos nas regiões metropolitanas são, cada vez mais, complexos e dinâmicos convertendo espaços de trânsito intenso em *não-lugares*. A aprendizagem do caminho é

realizada a partir da compreensão do *mobiliário comunicacional* e do reconhecimento dos *lugares informados*. As escrituras urbanas ensinam a partir das relações que emergem dos usos, consumos e hábitos nas trajetórias pelas cidades. Este artigo propõe a reflexão sobre o deslocamento e a aprendizagem no e com o cenário urbano a partir comunicação.

Palavras-chave: Comunicação, Pedagogias Culturais, Lugar Informado, Mídia Exterior, Rádio Informativo.

Aprendendo o urbano como um lugar informado: de Porto Alegre à Canoas, ou vice-versa

Kowarick, Adriana Coelho Borges

Quadros, Marta Campos de

Apesar das cidades existirem há muito mais tempo, é no final do século XIX que elas se tornam objetos de reflexão sistemática pelo campo das ciências ditas humanas, sob o ponto de vista das relações entre os padrões espaço-temporais e o comportamento habitual de seus habitantes. Estes estudos se voltam para a adequação entre a ação e a forma nos cenários comportamentais da cidade num contexto que parece ser universal. Mas que como propõe Lynch (apud Mourthé, 1998), esta adequação se dá na correspondência entre o local e os padrões globais de comportamento e parece estar intensamente ligado às práticas culturais: das expectativas, das normas e dos modos habituais de se fazerem as coisas. Desta forma, se tem verificado uma correlação entre a modificação dos espaços e dos comportamentos, sem afirmar com isto que haja uma relação direta de causa-efeito.

A preocupação com a mediação de sentidos provocada pelo mobiliário comunicacional e como ele acaba por ser artefato discursivo no processo de socialização do urbano, então, não é algo recente. A complexificação dos trânsitos e processos de circulação da informação nas sociedades urbanizadas nos encontra, literalmente, movendo-nos de lugares para lugares através de não-lugares, onde este mobiliário nos interpela e provoca a tecitura de sentidos.

Explicando melhor, a complexidade da vida cotidiana nas grandes áreas metropolitanas

leva seus habitantes a um processo, dinâmico e de fluxo contínuo, de circulação simbólica mais do que física por que os vários caminhos percorridos acabam por provocar a *linkagem* de diferentes formas de mobiliário urbano e, conseqüentemente, por construir um cenário identificado como particular para cada um. As vias de transporte se constituem como estes não-lugares, simultaneamente sem identidade local e localizadores desta mesma identidade que permitem ao transeunte aprender de si, do outro, da circulação e da dinâmica propostas pela disposição destes artefatos.

Este artigo é parte de um estudo mais amplo que tem buscado compreender como os processos de circulação da informação no ambiente urbano ampliam o espaço do pedagógico *ensinando* as pessoas a serem cidadãos seres da cidade. Nossa escolha recaiu sobre a cidade brasileira de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, por ser nosso local de viver e trabalhar, e pelos indicadores sócio-culturais e de infra-estrutura urbana que vêm caracterizando a *capital dos gaúchos* como uma das cidades de melhor qualidade de vida. Através de uma primeira síntese de nossas reflexões, exploramos o trecho da estrada BR-116 que liga Porto Alegre a Canoas, na região metropolitana, tomando como referências a saída da cidade e o campus da Universidade Luterana do Brasil, naquilo que compunha seus trânsitos, por até então sermos parte do corpo docente daquela Universidade.

Assim, nossa proposta foi verificar como a BR 116, no trecho compreendido entre Porto Alegre e a entrada para o campus Canoas da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), se constitui em um lugar informado que possibilita ao transeunte a construção de cenários e a aprendizagem dos fluxos e dinâmicas culturais ali sugeridas. Sinalização de trânsito, peças publicitárias, paradas de ônibus, estações de trem urbano, estabelecimentos comerciais e informação radiofônica, entre outros artefatos identificados são os elementos que interpelam o sujeito e impõem a construção de lógicas de sentido ao mesmo tempo em que são construídos por elas, no ambiente sócio-cultural das cidades e suas vias.

Para ir adiante se faz necessário explicar alguns dos conceitos utilizados. Tomamos *mobiliário comunicacional* de empréstimo dos estudos urbanísticos. Mourthé (1998:11/12) discute o termo mobiliário urbano passando pelas diversas línguas e propõe como conceito mais aceitável aquele derivado da língua francesa, ou seja, artefato utilizado para decorar, mobiliar a cidade. Contudo, ressalva a sua limitação, já que a função a ele

atribuída é mais ampla e de grande importância na qualidade de vida das cidades. "Seu papel interativo entre espaços públicos e usuários influencia e é influenciado pelos comportamentos sociais e expressões culturais regionais (...)".

A autora propõe categorias distintas para enquadramento do mobiliário urbano como equipamento funcional e de interface direta com o usuário. Naquilo que respeita o tema abordado neste artigo nomeamos as categorias de serviço, de comercialização, de sinalização, de informação e de publicidade, que passamos a denominar de mobiliário comunicacional.

A leitura de cada um destes artefatos não é feita em separado, é contextual como forma de possibilidade da compreensão de seu papel no ambiente onde se insere e instala e a sua repetição acaba por criar uma linguagem de identidade nos espaços públicos onde estão localizados. As pessoas situam-se em lugares, que são cenários de comportamentos particulares, equivalentes a porções do espaço social, definindo situações e contextos" (Mourthé, 1998: 17).

Lynch (Apud Mourthé, 1998) argumenta a este respeito que a legibilidade das cidades como lugares está associada à identificação de suas vizinhanças sinais de delimitação ou vias facilmente identificáveis e passíveis de agrupamento em estruturas globais. Os diversos elementos do mobiliário que possibilitam a identificação dos espaços estão ligados à presença e à disposição dos mesmos, pois sua relevância reside no fato de serem referências visuais.

A referencialidade destes artefatos está ligada ao uso sócio-cultural que os transeuntes deles fazem desde a sua presença e a sua disposição dentro de lógicas urbanas regionais. Assim, não importa se o artefato que está constituindo o *mobiliário comunicacional* refere-se a símbolos globais ou locais, pois sua inserção no cenário local provoca uma leitura a partir da cultura regional, expressando uma identidade própria da região onde está instalado. "As culturas e subculturas de diversas localidades urbanas influenciam o projeto e o arranjo físico destes equipamentos no meio urbano, contribuindo para o planejamento da composição de espaços público" (Mourthé, 1998: 20).

Neste sentido, de construção de sentidos a partir de artefatos que mobíliam as cidades,

incluímos os programas de rádio informativos. O que a primeira vista parece uma contradição, já que afirmamos anteriormente que a relevância deste mobiliário reside no fato de serem referências visuais de identificação dos espaços, não o é se considerarmos a programação informativa radiofônica matérias jornalísticas estrito senso, serviços e comunicação publicitária dentro da perspectiva de *paisagem sonora urbana* (Quadros, 2005) que acaba por articular, suturar as identidades (Hall, 2000) dos transeuntes através da orientação contínua das condições climáticas, boletins de tráfego com condições de trânsito, hora-certa, *spots* e *jingles* que propõem determinados consumos numa tradução da escuta em visualidade.

Outros dois termos fundamentais para o entendimento de como as vias se tornam lugares informados capazes de ensinar ao sujeito/transeunte as dinâmicas e trânsitos das cidades, são não-lugar e lugar informado. O primeiro formulado por Augé (1994) na contraposição da noção de lugares de vizinhança, de alteridade, de fixação, originada na antropologia,

(...) são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde estão estacionados os refugiados do planeta.(Auge, 1994:37/37)

Para o autor francês, o não-lugar mais que um espaço físico é uma experiência de mediação de discursos do sujeito em trânsito dentro do ambiente de compressão de tempo e espaço que caracteriza a metrópole contemporânea expressão mais corriqueira do que denomina supermodernidade. Augé (1994), a partir do olhar antropológico, propõe a conversão do mobiliário urbano, como por exemplo os jardins de Luxemburgo e as estações de trens urbanos subterrâneos de Paris, em mobiliário comunicacional capaz de provocar o uso sociocultural midiático, ou seja, o mobiliário comunicacional ancora nos espaços de intenso trânsito a possibilidade de não-lugares se converterem em lugares informados, através de usos, consumos e hábitos sociais.

Neste sentido, a noção de lugar informado é tomada a partir de Ferrara (1999:151) quando propõe o *Olhar Periférico* sobre a questão do contexto urbano. Segundo a autora, a inferência, o aprendizado e a mudança de comportamento são característicos da informação, assim, o lugar informado é aquele espaço (...) físico, social econômico e cultural que agasalha um tipo de comportamento decorrente de um modo de vida, um modo de produção. Esses comportamentos revelam-se através de uma linguagem que

tem como signos usos e hábitos.

O lugar informado, portanto, supõe uma estrutura organizada onde ocorrer influências múltiplas em nível econômico, social, comunicacional, cultural e associativo. Cada um destes níveis de influência é participante de uma única instância a informacional onde está localizada a instância pedagógico-cultural que possibilita a subjetivação dos sujeitos/transeuntes a partir do uso que dela fazem. A contextualização como atividade estrutural e exigência metodológica é o que possibilita a produção do lugar informado através da identificação da lógica que organiza as variáveis interferentes no contexto como lugar específico e que permite fazer aparecer os usos e hábitos que fornecem a sua imagem característica. (Ferrara, 1999)

Por último esclarecemos como vemos a disposição e presença do mobiliário comunicacional nos lugares informados. A partir dos estudos culturais, o mobiliário comunicacional é entendido como elemento discursivo componente de um *currículo cultural* que se exerce dentro das *pedagogias culturais* entendidas como práticas sociais e políticas culturais que iluminam as relações entre conhecimento, poder, autoridade e experiência (Silva, 1996). Steinberg e Kincheloe (2001) quando analisam a construção da infância e adolescência a partir do consumo e dos discursos das grandes corporações, afirmam esta possibilidade de enquadramento da educação numa variedade de lugares sociais, incluindo a escola, mas não se limitando a ela, onde se organiza e se difunde o poder de narrar e ser narrado desde as práticas sociais dos sujeitos.

Assim, não são quaisquer artefatos que vão compor o cenário urbano e sua localização não é aleatória. Há uma escolha, uma seleção estratégica dos elementos e de sua disposição no sentido de interpelarem os sujeitos/ transeuntes em seus trânsitos. Sendo o mobiliário comunicacional um elemento engendrado na produção discursiva é um meio de exercício de poder, de assegurar ou legitimar procedimentos e instituições. Como tal, "(...)" está controlada, selecionada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar os poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1973: 11).

A produção discursiva, portanto, não é uma possibilidade infinita, mas ao inverso, uma

possibilidade constrangida e histórica, pois o próprio discurso possui procedimentos de controle internos e externos. Internamente a ordenação, a classificação e a distribuição do discurso funcionam como controles. Externamente a proibição da palavra, a vontade de saber e a desqualificação da sua validade a partir da atribuição de loucura também agem como procedimentos de controle.

Realizar esta pesquisa significou ir a campo e reconhecer visualmente, através da fotografia, o mobiliário comunicacional presente no ambiente da BR 116, no trecho Porto Alegre Canoas/ULBRA e vice-versa como lugar informado e a maneira como discursivamente, interpela o sujeito/transeunte, cultural, pessoal e legalmente, ensinando como se mover no cenário urbano. Implicou também mapear o consumo radiofônico informativo, principalmente nos horários de maior fluxo.

O trecho analisado abraça um itinerário simbólico pensado, proposto e alocado estrategicamente, com base na legislação nacional de trânsito, na codificação do espaço urbano visual, na lógica do pensamento comunicacional publicitário e nas condições de uso do sujeito/transeunte. O resultado da presença e disposição do mobiliário comunicacional é, então, um caminho de sentido composto, intercalando informações legais, institucionais de ocorrências cotidianas e comerciais, manifestações culturais e elementos de identidade tecendo uma trajetória individual e coletiva, subjetiva e social, *cidadã* no sentido de produzir o e ser produzida pelo sujeito/ transeunte como um *ser da cidade*.

Pela aceleração e fluxo, estas vias caracterizam-se, inicialmente, como os não-lugares propostos por Augé (1994), porém através das práticas discursivas propostas a partir do mobiliário comunicacional que fazem emergir relações de usos e hábitos se transformam em um lugar informado (Ferrara, 1999). Do mesmo modo, os meios de transportes públicos no caso ônibus e trem urbano de superfície também podem ser observados como não-lugares a medida que não guardam relação de identidade com o usuário comum, são apenas espaços de trânsito, entretanto, as mesmas relações de uso e hábito podem transformá-los em lugares informados.

A BR-116 no trecho referido liga os municípios vizinhos de Porto Alegre e Canoas a partir de três itinerários possíveis tendo como referência a capital do estado. Estas possibilidades

avenida Castelo Branco / Br 101, avenida Farrapos e avenida Ceará / rua Edu Chaves podem ser vistas como uma confluência de três vias para o nó viário definido como 'ponto zero' do trajeto estudado. Este itinerário é cortado pela estrutura férrea do trem urbano variadas vezes a trajetória destas vias, no trajeto Porto AlegreCampus/ULBRA.

No 'ponto zero' Porto Alegre praticamente não existe mobiliário comunicacional. Por se tratar de um nó viário, a estrutura de lugar de passagem nos remete a experiência de um não-lugar, pois é marcado por intenso fluxo, pela pouca presença de marcas textuais (o próprio mobiliário comunicacional) que possibilite o reconhecimento de identidade e a informação. Neste não-lugar o trânsito é manifesto, os caminhos e as confluências são explícitas pelo próprio mobiliário urbano e não pelo comunicacional, seguindo-se os fluxos já estabelecidos tradicionalmente pelo uso das linhas de transportes. Contudo, a programação radiofônica, mesmo nas possibilidades de transporte coletivo disponíveis, oferece as melhores trajetórias segundo os fluxos, informa o que consumir, a cada intervalo a hora-certa como um batimento cardíaco, seu pulso vital.

Este ambiente que aparentemente não sugere a existência de uma prática de aprendizagem, também se constitui em elemento desta prática. A exemplo do currículo escolar como sistema de representações eleitas por relações de poder, autoridade, conhecimento e experiência, a ausência de mobiliário de sinalização urbana, de comercialização e de serviço é uma 'escolha' que fixa possibilidades de trânsito, subjetivando o sujeito transeunte. Esta ausência como prática de aprendizagem cultural é reforçada pelo mobiliário de sinalização estabelecido pelo Código Nacional de Trânsito através das marcas do discurso legal.

(Vice-versa) no sentido oposto, a chegada ao Compus Canoas não se dá por um nó viário, mas por uma espécie de 'mapa de dispersão' do fluxo contínuo da BR 116. Existem mais de um 'ponto zero' Campus Canoas: passando o viaduto da Boqueirão (viaduto da BR 116 que passa por cima da avenida Boqueirão, em Canoas) há, no mínimo, três possibilidades de acesso ao Campus, são os caminhos já apreendidos pelos sujeitos/transeuntes (por uso e/ou hábito) que deixam a BR 116 e levam à ULBRA.

Os 'pontos zero' Campus Canos, diferentemente do mesmo ponto em Porto Alegre,

apresentam múltiplas possibilidades de escolha numa aparente liberdade de determinação de caminhos. Neste espaço, a presença de placas de sinalização de trânsito, luminosos de estabelecimentos comerciais, indicadores de rua e sinalização de serviços públicos urbanos, como placas e abrigos de ônibus e lixeiras, sugerem o reconhecimento do espaço como lugar informado que possibilita a aprendizagem das dinâmicas peculiares àquele ambiente urbano. Nos ônibus que fazem este trajeto a emissora sintonizada é a da própria Universidade *FM Pop Rock, a rádio da Ulbra* que vai suturando os sentidos construídos com a identidade *se ser da Ulbra, pertencer aquela tribo*, e isto implica saber como chegar, para onde se dirigir, o que vai acontecer um grande placar informa os eventos da universidade e de seu clube esportivo e o que e onde comprar.

Entre os 'pontos zero', por 18Km, a BR 116 suporta o fluxo de sujeitos/transeuntes e possibilita a aprendizagem de dinâmicas e trânsitos peculiares àquele eixo viário através das relações que emergem de usos e hábitos. A estrada, neste trecho, faz com que estes sujeitos experienciem um não-lugar pelo fluxo proposto. Placas de sinalização e orientação conduzem ao fluxo em aceleração, levando ao movimento contínuo, mas é este mesmo trânsito que provoca a necessidade da busca da aprendizagem de pontos de referência que emergem da suas práticas sociais.

Neste tempo/espaço de trânsito, o mobiliário de serviços, de comercialização e publicitário passa a tecer sentidos e discursos de disponibilidade de 'combustíveis', 'alimentação', 'serviços mecânicos', 'turismo', 'telefone' e 'hospedagem'. Estas escrituras urbanas se misturam a uma rede de outros sentidos que o mobiliário publicitário carrega: 'Hospede-se no Canoas Parque Hotel', 'Aqui tem um Posto Ipiranga', 'BR Serviços 24h', 'McDonald's' ou 'Supermercados Bourbon'. Ao mesmo tempo em que o sujeito/ transeunte é subjetivado pela existência do serviço, lhe é 'ensinado' qual a marca do serviço a ser consumida.

Estes discursos produzidos através das relações de uso e hábito por parte destes sujeitos/transeuntes adquirem sentidos de segurança, familiaridade, proximidade, pertencimento, transformando a BR 116 em lugar informado através da presença do mobiliário comunicacional. Indo além, este mobiliário pensado estrategicamente a partir das lógicas institucionais e comerciais converte-se em referências particulares para a localização dos 'pontos zero' que conduzem ao Campus Canoas ULBRA.

As interferências do mobiliário urbano característico de cada uma das cidades Canoas e

Porto Alegre também compõem o cenário deste itinerário e fazem parte do currículo cultural. Se no sentido Capital/Universidade a cidade é visível como um 'pano de fundo', no sentido Universidade/Capital a cidade é ora interferente, ora camuflada. A linha de trem urbano com a sua estrutura de estações, muros e trilhos compõe o mobiliário comunicacional e indica a cada intervalo de tempo/espaço 'onde estou, para onde vou e quanto tempo falta'. A própria via paralela à estrada é num primeiro momento aparente, explícita, mas no momento seguinte converte-se em outra via, urbana, esconde-se, camufla-se.

Mover-se e reconhecer as dinâmicas e discursos propostos por este cenário urbano é uma prática social e uma política cultural, portanto uma aprendizagem com base em pedagogias culturais que se expressam e exercem a partir do mobiliário comunicacional, transformando es em lugares informado através de um currículo criteriosamente planejado. Abordar os processos de comunicação, informação e aprendizagem pelo viés da cidade e da cidadania traz novas possibilidades de compreender os usos e as funções da mediação comunicacional no espaço social. Mais precisamente: nos trajetos dos cidadãos.

Fotos Pesquisa Exploratória 2005

Trecho da via escolhida



Representação no ambiente Cityzoom da avenida



Simulação da Legislação de Porto Alegre



Simulação da Legislação de Belo Horizonte



Simulação da Legislação de Belém



Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas(SP): Papyrus, 1994. (Col. Travessia do Século)
- Barbero, Jusús Martín. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998
- CARPENTER, Edmund e MCLUHAN, Marshall. *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980
- FERRARA, Lucrécia. *Olhar Periférico*. São Paulo: EDUSP, 1999
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 103-133.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- MEIRA, Marcelo Corrêa. *Aprendendo com As Ruas de Porto Alegre: um estudo sobre o rádio informativo como pedagogia cultural*. Monografia (Graduação em Comunicação Social) Curso de Comunicação Social: Rádio, TV e Vídeo, Faculdade de Artes e

Comunicação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, UPF, 2005.

MOURTHÉ, Claudia. *Mobiliário Urbano*. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

QUADROS, Marta Campos de. *Contando histórias, governando a vida: pedagogias do rádio informativo no cotidiano contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, ULBRA, 2005.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informal*. São Paulo: Hucitec, 1994

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Alienígenas na Sala de Aula: Uma Introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Petrópolis(RJ): Vozes, 1995

STEINBERG, Shirley R., KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe.(org.). *Cultural infantil: A construção corporativa da infância*. Trad. George Eduardo Jupiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 9-52.

